

**Rascunho de cena de sexo de um romancista incompetente ou prosa  
irregular ou poema limiar**

Menção Honrosa

era uma cama de hotel, e como todas as camas de hotel tinha essencialmente lençóis,  
serás o desenho da anarquia no linho da manhã  
quando os sulcos da cama são tantos quantos os trilhos dos sonhos  
e guardarás esses desenhos noite dentro. Só a cortina clara está corrida e a luz apagada e tem de estar lua cheia, é prateado o aluvião do quarto,  
víamos os corpos, o teu vestido disseste ao jantar ser musselina,  
levantei-o nos braços passando a linha das ancas e as mãos nas costelas e o beijo na boca e tu arquejavas profundamente,  
trunquei a poesia ao libertar o gancho do soutien, sabes o que fez as cortinas esvoaçar momentaneamente?  
Aconteceu aí o meu primeiro contacto com a tua nudez,  
aquela parte maternal do sexo em que nos debatemos com complexos freudianos,  
os teus seios tinham uma maneira de se insinuar que enlouquecia, toquei-te no mamilo esquerdo com o lábio inferior, deixei a língua percorrer-lhe a superfície,  
o teu sabor dentro do meu sangue dentro do meu cérebro  
dentro do meu peito,  
fechei a boca em succões caladas, os meus olhos marejados em culpa clamando o deleite, estavas pênsil na fusão dos sentidos,  
cabeça para trás, pálpebras fechadas, respiração ausente,  
tombaram-me as mãos para as nádegas, a boca para o ventre,  
tiraste o vestido pelo topo, vieram os cabelos desalinhar-se nos ombros,  
fiz a língua percorrer-te todo o peito, as mãos libertar-te a última peça de roupa, ficaste nua prateada os pêlos púbicos uniformes os olhos claros  
(eras um corpo de silêncios)  
deixei os dedos passar tangentes à tua pele, primeiro a testa o nariz os lábios o queixo o colo os mamilos, a curva inferior dos seios, o ventre a púbis o verso das pernas que me franqueaste, a linha das nádegas que segui daqui, rasgaste a camisa colaste-me a pele,  
a roupa espalhada e nós velejando a volúpia  
nas vagas do linho, partiam os barcos, gemiam ao longe os longos avisos,  
não há tempestade nem choro plangente mas cantos diferentes por cada

caminho, afinal o vento entrou-nos no quarto, a espuma das ondas, o canto da  
noite, o voo dos pássaros,  
o embalo das árvores, a dança do trigo,  
parece-me até que o mundo essa noite  
se moveu por nós

(Obviamente fizeram amor.

Ela demasiado entregue, ele vazio ao libertar-se da curiosidade da textura  
dela e do orgasmo na temperatura das suas coxas, ao lembrar que no amor, no  
verdadeiro amor, não é preciso arrebatá-la, acabou deitado com a memória de  
outra mulher na erva acetinada de um pomar sob uma maravilhosa-de-inverno  
esperando o primeiro fruto em queda.

Ele, deitado ao lado dela, fingia dormir no plácido movimento da estação.)

**Pedro Guilherme-Moreira**